



## **ENTRE AS CURVAS DO RIO VERMELHO, UMA HISTÓRIA, UMA VIVÊNCIA, UMA MEMÓRIA... UMA SAUDADE, CRIXÁS-GO**

**Autor 01** <sup>1</sup> France de Aquino Ribeiro

**Orientador 2** <sup>2</sup> Dr<sup>a</sup> Giovana Galvão Tavares

### **Resumo:**

A história da cidade de Crixás-GO desde seu nascimento caminha em paralelo com a atividade da mineração, a partir das expedições dos bandeirantes até os dias atuais a cidade apresenta como uma das bases econômicas principais, a extração de ouro, neste panorama se encontra o Rio Vermelho, este curso d'água corta a cidade de um lado ao outro e sempre fez parte da história do povo crixense. Por anos este povo utilizou de suas águas de diferentes formas: beber, lavar roupa, pescar, banhar, o rio era um ponto de encontro e socialização para a população desta cidade. Em 1990 ocorre o despejo de resíduos da mineradora neste rio, impossibilitando sua utilização a partir desse episódio, assim estas águas que antes eram utilizadas, ficam proibidas para os ribeirinhos desta cidade. O objetivo deste trabalho é analisar a percepção ambiental da comunidade ribeirinha da cidade de Crixás, no Estado de Goiás, relacionada ao uso do Rio Vermelho, procurando através disto despertar o desejo do povo crixense de recuperar seu rio. Para tal, a metodologia utilizada foi a confecção de mapas mentais pelos ribeirinhos, parametrizado através dos cinco sentidos humanos (visão, paladar, audição, olfato e tato), apresentando como conceitos para guiar a pesquisa, o estudo da fenomenologia, pautada na percepção ambiental e no estudo do lugar. Na confecção dos mapas é possível perceber que para os ribeirinhos as águas do Rio Vermelho vêm carregando também sentimentos... afetos...

emoções... e saudades de um tempo passado, o rio construiu com estes, vínculos de lar, lugar onde o povo foi capaz de construir uma identidade, todos os pesquisados se ressentem da perda da utilização deste rio.

**Palavras:** Rio Vermelho; ribeirinhos; percepção; lugar; mapas mentais.

## **BETWEEN THE CURVES OF RIO VERMELHO, A HISTORY, A LIVING, A MEMORY ... A SAUDADE, CRIXÁS-GO**

### **Abstract:**

The history of the city of Crixás-GO since its birth goes parallel with the activity of mining, from the expeditions of the bandeirantes until the present day the city presents as one of the main economic bases, the gold extraction, in this panorama is the Rio Vermelho, this course of water cuts the city from one side to the other and has always been part of the history of the people crixense. For years this people used their waters in different ways: drinking, washing, fishing, bathing, the river was a meeting point and socialization for the population of this city. In 1990 occurs the mining wishes of the mining company in this river, making it impossible to use them from the beginning, since these waters that were previously used, are forbidden for the riverside inhabitants of this city. The objective of this work is to analyze the environmental perception of the riverside community of the city of Crixás, in the State of Goiás, related to the use of the Red River, seeking through this to awaken the desire of the crix people to recover their river. The methodology used was the creation of mental maps by the riverside, parameterized through the five human senses (vision, palate, hearing, smell and touch), presenting as concepts to guide the research, the study of phenomenology, based on environmental perception and



the study of the place. In the making of the maps it is possible to see that for the riverside the waters of the Red River are also carrying feelings ... affections ... emotions ... and longing for a past time, the river built with these, home bonds, place where the people were able to build an identity, all surveyed resent the loss of the use of this river.

**Keywords:** Red River; riverside; perception; place; mental maps.

## 1. Introdução:

O objetivo deste trabalho é analisar a percepção ambiental da comunidade ribeirinha da cidade de Crixás, no Estado de Goiás, relacionada ao uso do Rio Vermelho entre os anos de 1990 e 2017, a fim de reconstituir as vivências compartilhadas com este curso d'água, que, em decorrência de um acidente ambiental, com a descarga de efluentes da Mineradora Serra Grande no leito do Rio Vermelho, gerou o seu desuso. Busca-se aqui reconhecer as relações homem/natureza e sociedade/natureza dos ribeirinhos residentes às margens do Rio Vermelho, além de identificar as formas de usos atuais e anteriores do Rio Vermelho pelos ribeirinhos, mapeando suas principais transformações no decorrer dos anos de 1990 a 2017.

O trabalho foi norteada pelos conceitos de fenomenologia, lugar, percepção ambiental, mapas mentais, pautada na importância do despertar da percepção ambiental dos ribeirinhos, a fim de preservar a memória desta comunidade, relacioná-la à preservação ambiental do meio em que estes estão inseridos e reforçar a importância do resgate do Rio Vermelho, para a perpetuação e reconstrução da história perdida dos excluídos, ao perceber este fluxo de água como um patrimônio ambiental desta cidade.

O estudo foi construído tendo como primeiro passo o levantamento bibliográfico acerca da temática: lugar, percepção ambiental, todos pautados nos estudos fenomenológicos. O segundo passo foi o estudo do local, por meio de publicações sobre a cidade de Crixás, e o levantamento documental em sites, junto ao Ministério Público (MP), sobre a mineração na área estudada. Os dados bibliográficos foram conseguidos junto aos moradores da cidade e trabalhos acadêmicos publicados.

O terceiro passo foi a aplicação do instrumento de articulação técnica da produção de mapas mentais pelos sujeitos da pesquisa – os ribeirinhos, isto é, a população urbana limítrofe ao Rio Vermelho do município de Crixás, composta por aproximadamente 300 pessoas, entre adultos e crianças. A seleção para a confecção destes mapas incluiu indivíduos que contam com idade a partir de quarenta anos (40), ou seja, aquelas pessoas que nasceram até 1977 e ainda residem na cidade, visando com isto abranger o olhar de indivíduos que, com 13 anos ou mais, apresentam uma vivência e conseguiram perceber o rio sadio, fundamentando que o acidente aconteceu em 1990.



Os mapas mentais mistos (escrita e desenho) foram aqui utilizados por serem um instrumento capaz de captar todos os sentidos humanos e a percepção, aliada às memórias, constituindo para o homem, mais especificamente estes ribeirinhos, importantes fatos vividos que apresentam lugar e panorama como referência, ativando nestas pessoas o retorno ao passado e trazendo consigo sentimentos e sensações antes esquecidas.

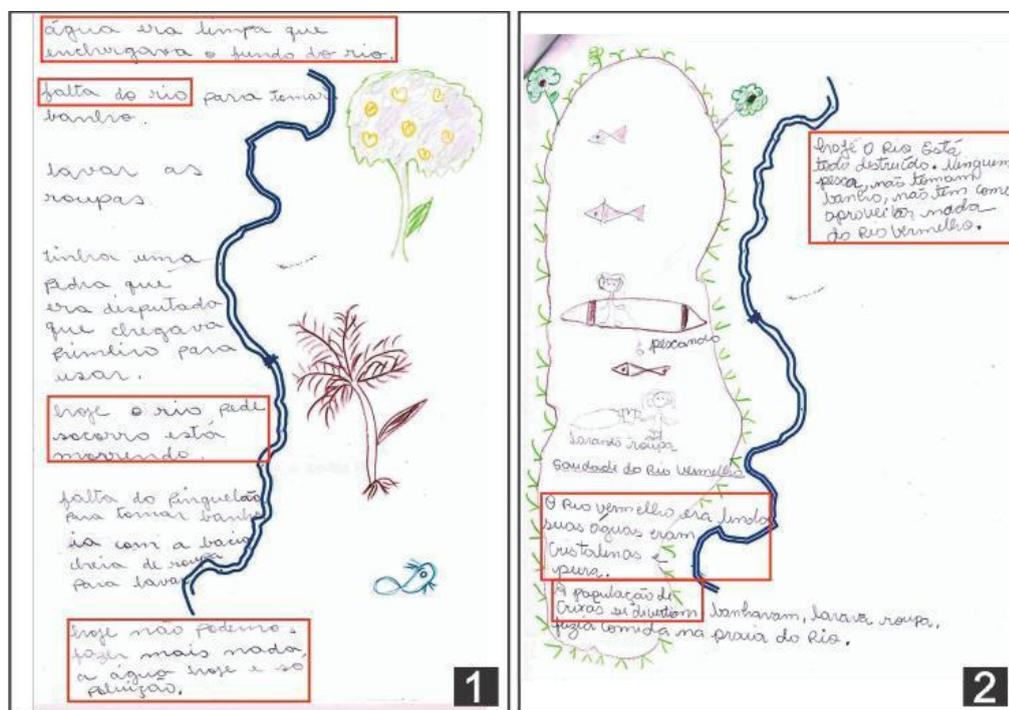
As histórias aqui relatadas estão intrinsecamente ligadas ao meio, sedimentadas na saudade, na confecção dos mapas mentais, ocorre a reconstrução de momentos perdidos na memória destas pessoas, reconhecendo através destes relatos sua história. Nessa perspectiva, o reviver das vivências destes ribeirinhos junto ao Rio Vermelho, torna-se por conseguinte, o identificar das barreiras existentes para a concretização de um convívio pacífico, sem prejuízo para o homem ou para a natureza.

### 1.1. Ilustrações

Ao se associar os cinco sentidos (visão, olfato, audição, tato e paladar) ao lugar e à percepção, o almejado é demonstrar uma linha de raciocínio que vá além das dimensões físico-estruturais, evidenciando que o ribeirinho é capaz de construir uma percepção do antes e do depois da contaminação do Rio Vermelho pela sua vivência, ao utilizar os sentidos como aporte de tal percepção.

#### Visão

No mapa 1, no topo da página se encontra a frase de comprovação de um fato visto no passado “água era limpa que enchergava o fundo do rio”, o ato de enxergar, visualizar, demonstra a formação de uma paisagem estética que antes, no passado, era um rio limpo, saudável, irradiando pureza, não poluído, o fato constatado visualmente apresenta ligação com o tempo. Logo a seguir o narrador 1 relata que sente não poder utilizar o rio “falta do rio”, ficando claro, que o mesmo faz uma associação entre a imagem do rio e o sentimento atual de perda deste panorama visual existente em sua memória, a seguir, ele



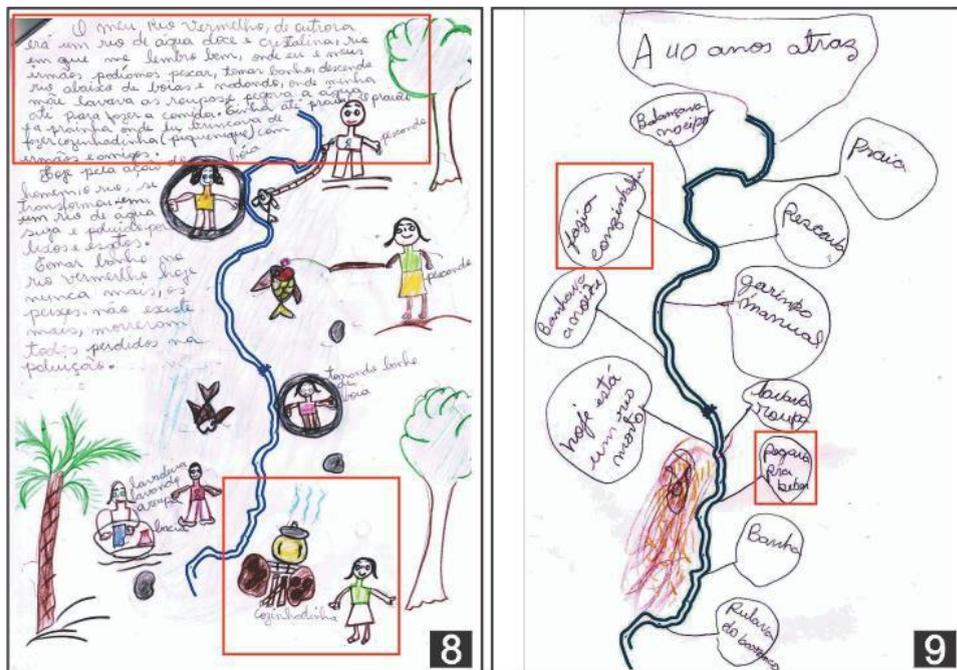
descreve o momento atual no qual o rio está inserido, “hoje o rio pede socorro está morrendo” terminando seu mapa com uma frase fatalista “hoje não podemos fazer mais nada, a água hoje é só poluição”. A palavra hoje se repete duas vezes no mapa, deixando claro que a paisagem natural visualizada no passado não está mais presente no hoje do rio, dando assim um significado ao sentimento expresso através do seu sentido de visão.



O mapa 2 também traz em si também a palavra hoje, construindo assim um panorama no sentido visual, traçado numa trajetória temporal, “hoje o rio está destruído. Ninguém pesca, não tomam banho, não tem como aproveitar nada do Rio vermelho.”, a relação de troca entre a população ribeirinha e o rio foi rompida, a imagem do passado captada através do sentido visual, foi alterada, assim como a condição do rio, criando um distanciamento, pois rio deixa de ser utilizado. A afirmação visual vivenciada do passado límpido e apto a utilização do Rio Vermelho está presente neste mapa 2 “O rio vermelho era lindo suas águas eram cristalinas e pura.”, o narrador 2 constata que o povo sofre uma perda, as palavras se encontram no tempo passado “A população de Crixás se **divertiam** ...”, o passado e o presente se entrelaçam nas memórias visuais deste povo.

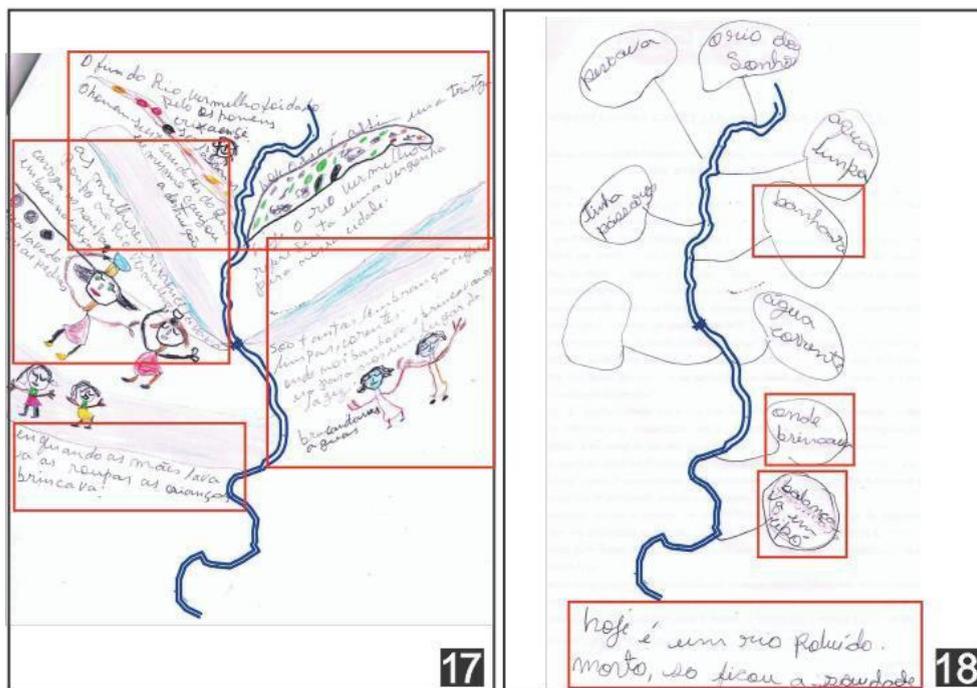
**Paladar**

Nos mapas 8, 9 os narradores descrevem costumes alimentares praticados as margens, os mesmos, demonstrando que os ribeirinhos dividiam e compartilhavam comportamentos comuns, narrador 8 “O meu Rio Vermelho, de outrora era um rio de água doce e cristalina, rio em que me lembro bem, onde eu e meus irmãos podíamos pescar, tomar banho, descendo rio abaixo de boias e nadando, onde minha mãe lavava as roupas e pegava a água até para fazer a comida. Tinha até praia, o praião e a prainha onde eu brincava de fazer **cozinhadinha (piquenique)** com irmãos e amigos.”. No lado inferior direito do mapa o narrador demonstra esta prática através de um desenho, que foi destacado pela pesquisadora. O narrador 9 também traz a afirmação “fazia **cozinhadin**”.



**Tato**

As vivências manifestadas através do tato, são capazes de despertar a memória corporal de acontecimentos e fato vividos junto ao Rio Vermelho, onde o sentido do tato se fez presente no relacionar dos ribeirinhos com a água. Nos mapas 17 e 18, encontra-se relatos de banhos e brincadeiras, demonstrando o contato físico destas pessoas com o rio; narrador 17: “enquanto as mães lavava as roupas as crianças brincava.”; “São tantas lembranças água limpas, correntes, onde nos banhava e brincávamos era para nos um lugar de lazer ... brincadores águas”. Narrador 18 “banhava, onde brincava, balançava em cipó”. Além do contato lúdico, ainda havia o contato através do trabalho, pois as mulheres lavavam as roupas no rio, o





mapa demonstram tal prática, “as mulheres crixaiense lavava roupa no Rio Vermelho, carrega as roupas em bacia na cabeça... era lavado as pedras...”;

### Olfato

Os mapas 22 e 23, descrevem o cheiro do rio hoje, narrador 22: “as águas eram limpas”; “Hoje as águas são sujas, não tem praias esgoto da cidade caem no rio vermelho.”. Este narrador relata o estado anterior de limpeza do rio, e o posterior ao acidente, com o relato de esgoto da cidade sendo despejado no rio, o narrador 23 também relata o esgoto “O rio vermelho de hoje sem vida e cheio de lixo e esgoto onde pede socorro”.

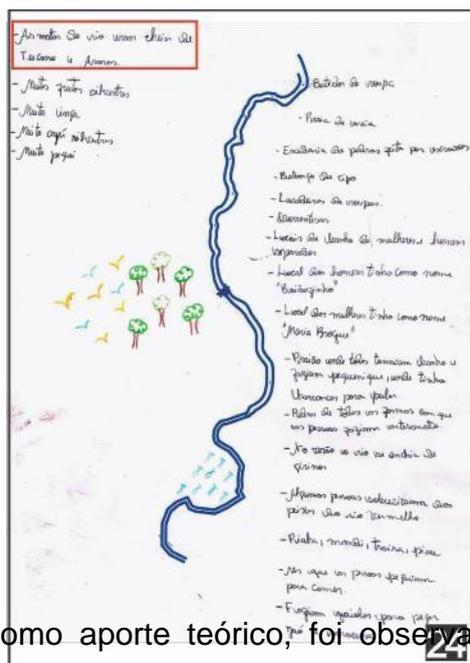
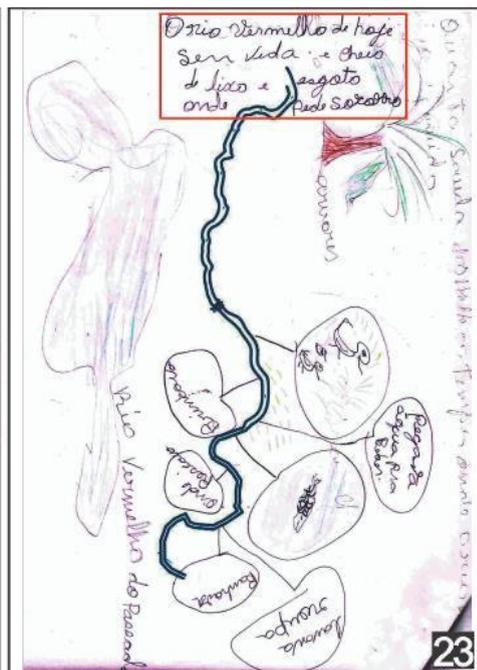
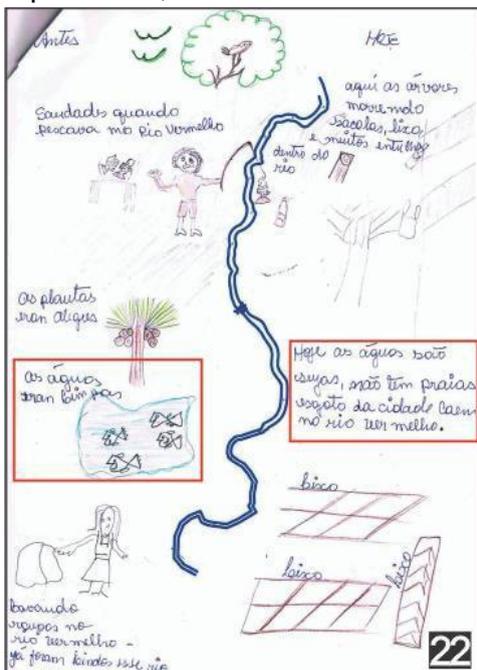
### Audição

Os sons da natureza são produzidos por diferentes agentes, entre eles estão o som do canto de pássaros, narrador 24: “As matas do rio eram cheias de tucano e araras.”. O narrador 25 deixa muito claro a diferença entre os sons do antes e do depois do rio: “Barulho de alegria, risadas, gargalhadas... A natureza com todo o seu esplendor!”; “Dor, silêncio, abandono... A mãe natureza chora e pede socorro!”. Para o narrador 25 após o acidente o rio fica em silêncio, a natureza silencia-se para o acidente, expressando a dor através de “lágrimas de sangue; morte; poluição; mal cheiro”.

## 2. Conclusões

A percepção, aqui utilizada como aporte teórico, foi observada nos diversos mapas mentais analisados, estando evidente através das palavras e das imagens, como os ribeirinhos da cidade de Crixás, percebem o antes e o agora do Rio Vermelho, ficando perceptível a vivência direta e íntima que este povo vivenciou com o rio. Através dos mapas mentais foi possível visualizar, interpretar e compreender, com muita sensibilidade, o percurso de vida do Rio Vermelho, através dos olhos dos ribeirinhos, seja através de palavras e frases ou até mesmo dos desenhos de suas diversas paisagens no decorrer dos anos.

A pesquisa fenomenológica partiu do entendimento do viver e não de definições ou conceitos, voltando-se para os significados do perceber o rio, como ele se mostra para o que deles utilizam.





Nos mapas a fenomenologia aliada a percepção ambiental, reconhece este rio como lugar deste povo, enquadrando as diversas experiências aqui relatadas como fenômenos em sua essência, baseadas nas experiências conscientes, em termos de significados. As imagens e palavras apresentaram-se de forma poética, com isto os símbolos gráficos representam a percepção da realidade vivida deste povo em consonância com o rio.

Nos mapas mentais pode-se encontrar palavras como: O rio dos sonhos; água limpa; água corrente; velhos tempos; bebíamos, brincávamos. É possível montar um quadro saudosista, onde o ribeirinho percebe a sua perda, como a de um ente querido, falando de “velhos tempos”, o rio passa a povoar a memória desta comunidade como sonho “rio dos sonhos”; “boas lembranças”, “Só ficou saudade”. É possível perceber claramente as conexões entre as lembranças destes ribeirinhos “cipó que eles balançavam”; “pulávamos tinha um cipó que era como nosso toboágua, cada um pulava mais longe”.

As pessoas podem utilizar diferentes maneiras de representar o lugar onde vivem, ativando suas memórias de formas diversas, podendo unir imagens, com palavras, buscando transmitir desta forma, todo o valor que aquele ambiente representado possui de significância. Neste trabalho foram utilizados os mapas mentais para captar por meio desta linguagem diferenciada, as vivências que os ribeirinhos possuem do antes e do depois da contaminação do Rio Vermelho, expressada através dos cinco sentidos, demonstrando sua íntima ligação com o lugar. Para Kozel “o mapa mental é um enunciado que advém de relações dialógicas estabelecidas entre interlocutores no contexto sócio espacial”. Para ela a utilização dos mesmos se fundamenta, “Por meio da linguagem, O sujeito se expressa , expõe seu mundo vivido. E, sem dúvida, os mapas mentais são de suma importância no campo das representações e a construção de significados espaciais” (2009, p.127).

Os mapas mentais adquirem aqui uma visão romântica, poética, até mesmo saudosista, qualificando o espaço em lugar (TUAN, 1983), neste trecho do poema de João Marega (2015), que se encontra no livro de Lima (2015, p. 168), percebe-se isto claramente

“Oh que saudades eu tenho do Crixás dos tempos de outrora, da praça da velha Matriz onde as crianças brincavam de bola, de banhar no Rio Vermelho pude ter essa felicidade, quando suas águas eram limpas lembro-me e tenho saudades.”

Através do estudo dos mapas mentais, percebe-se frases saudosistas: “Rio Vermelho – Foi um tempo que éramos felizes e não sabia”, segundo está frase, o povo percebe que perdeu um bem precioso para toda a comunidade, e sente falta, o sentimento de perda está evidenciado, nos dizeres e até mesmo nos desenhos.

Encontra-se também um sentimento de pertencimento ao lugar, que Tuan tanto discute, “O meu Rio Vermelho”, os ribeirinhos demonstram este sentimento, está impregnado nos desenhos e nos



dizeres, a pesquisadora presenciou tal sentimento em algumas ocasiões, quando os ribeirinhos devolviam os mapas, alguns apresentavam os olhos marejados, dizendo o que se encontra em um mapa; “Tomar banho no rio Vermelho hoje nunca mais [...]”, neste mesmo mapa vemos pessoas pescando, brincando de descer o rio de boa, fazendo “cozinhadinha” na beira do rio, lavando as roupas no rio, comprovando uma convivência ímpar com o rio, confirmando que ele fazia parte do cotidiano dos crixenses.

A imagem nos mapas mentais, foi percebida como uma descrição do pensamento destas pessoas, fazendo possível o chamado interior, pautado em construções perceptivas através das memórias afetivas que, nestas introspecções, determinam e conferem significados. Sendo sugestionado pela cultura, pela vivência e os ambientes da natureza que os cercaram.

A situação atual do rio é percebida pelos ribeirinhos “hoje o rio pede socorro está morrendo”, demonstrando que este povo não se furta da responsabilidade junto a este curso d’água “o fim do Rio vermelho foi dado pelo os homens crixenses, só lágrimas”, estabelecendo-se junto a este povo uma dualidade onde eles mesmo se perdem, o amor ao rio e a necessidade de salvar o que ele está destruindo, “O homem sente saudades do que ele mesmo causou a destruição”.

“Saudade do Rio Vermelho”, está frase está em um mapa denotando a importância desta declaração no decorrer do estudo dos mapas, em alguns ela fica subentendida, em outros ela está claramente decretada, o rio fica descrito em sua dimensão topofilica, enquanto participante ativo da vida, das memórias, da saudade desta gente.

O Rio vermelho permanece cortando a cidade de Crixás, declarando a todos que ele ainda está presente na vida daquelas pessoas, ele pode estar sujo e poluído, mas ainda é amado pelos crixenses.

O objetivo principal deste trabalho foi alcançado, sendo analisado a percepção ambiental da comunidade ribeirinha da cidade de Crixás-Goiás, relacionada ao uso do Rio Vermelho nos anos de 1990 a 2017. Os mapas mentais demonstraram as reais ligações destas pessoas com o “seu rio”, as experiências vividas, e o espaço visualizado como lugar.

Conclui-se que o Rio Vermelho, cuja história foi representada aqui através de seus ribeirinhos, precisa de proteção e cuidado, necessitando de recuperação urgente, pois o povo crixense sente falta de suas águas. Portanto o amor e o pertencimento que estas pessoas demonstraram, deve sair de suas mentes e de seus corações e se transformar em ações, que visem o restabelecimento sadio deste rio.



## Agradecimentos

Agradeço a FAPEG –Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás, pelo investimento na concretização deste mestrado pela pesquisadora.

## Referências

ANDRADE, Ricardo Rangel; LEONE JR., Delson. Ação civil pública em desfavor da empresa Serra Grande Mineração Ltda. In: ANDRADE, Ricardo Rangel de (Cord); OLIVEIRA, Larissa Pultrini P. de; FRANCO, Adriana Pereira. Coletânea do Centro de Apoio Operacional de Defesa do Meio Ambiente, Patrimônio Cultural e Urbanismo. ESMP/GO, Goiânia, 2006, 252 p. Disponível em: [http://www.mp.go.gov.br/portalweb/hp/9/docs/coletanea\\_cao\\_ambiente\\_2006.pdf](http://www.mp.go.gov.br/portalweb/hp/9/docs/coletanea_cao_ambiente_2006.pdf). Acesso em: 03 janeiro 2018.

ARBUÉS, D. Rio e serra. Goiânia: Kelps, 1997. p. 153.

ARRUDA, Gilmar (org) *História, natureza e território*. (Publicado em [www.editora.univale.br](http://www.editora.univale.br)).

ASMAR, José. Crixás, do berço de ouro à luta pela vida. Goiânia: 1988.

AZEVEDO, Adalberto Mantovani Martiniano; DELGADO, Célio Cristiano. Mineração, Meio Ambiente e Mobilidade Populacional: um levantamento nos estados do Centro-Oeste expandido. Revista Brasileira de Estudos de População, São Paulo, 2002. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp>. Acesso em: 25 nov. 2017.

BACHELARD, G. (1989). A água e os sonhos. São Paulo: Martins Fontes.

BACHELARD, G. (2006). A poética do devaneio. São Paulo: Martins Fontes.

BUZAN, Tony w/ BUZAN, Barry. The Mind Map Book: how to use radiant thinking to maximize your brain's potential. New York: Dutton. 1994.

CAMARA, L. A. Mapas Mentais. In\_ Percorrendo Espaços de Aprendizagem Com Mapas Mentais. 2012.

CARLOS, Ana Fani. A. *O lugar no/do mundo*. São Paulo: Hucitec, 1996.

CHIAPETTI, R. J. N.; CHIAPETTI, J. A água e os rios: imagens e imaginário da natureza. Geograficidade v.01, n.01, p. 71-90, Inverno 2011.

CLAVAL, P. A geografia cultural: o estado da arte. In: ROSENDAHL, Z.; CORREA, R. L. Manifestações da cultura no espaço. Rio de Janeiro: UERJ, 1999.

DARDEL. Eric. L' homme et la terre – nature de la réalité géographique: Editions du CTHS: Paris, 1990.

DIAS, Wagner Alceu. No obscuro do ouro, o brilho do Cerrado: a dinâmica territorial do município de Crixás - GO. 2010. 134 fls. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.

HOLZER, Werther. O lugar na geografia humanista. Revista Território. Rio de Janeiro: ano IV, n.7, p.67-78, jul/des. 1999.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, 1910-1989. Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa / Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. 3 ed. Totalmente revista e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FERNANDES, Francisco Rego Chaves; LIMA, Maria Helena Machado Rocha; TEIXEIRA, Nilo da Silva. A grande mina e a comunidade: estudo de caso da Grande Mina de Ouro de Crixás, em Goiás. Série Estudos e

Documentos. Rio de Janeiro, CETEM/MCT, 2007. Disponível em:  
<http://www.cetem.gov.br/publicacao/CTs/CT2007-01600.pdf>. Acesso em: 04 mar. 2018.

FRANÇA FILHO, JL. Acerca da fenomenologia existencial de Maurice Merleau-Ponty. In: LIMA, ABM., org. Ensaios sobre fenomenologia: Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty [online]. Ilhéus, BA: Editus, 2014, pp. 77-102. ISBN 978-85-7455-444-0. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>. Acesso: 01/11/2017.

GALVÃO, Wilson e KOZEL, Salete. Representação e ensino de geografia: contribuições teórico-metodológicas. Ateliê Geográfico, Goiânia-Go, V.2, n.5, p.33-48, dez/2008.

GANDARA, Gercinair Silvério. *Natureza e cidades: o viver entre águas doces e salgadas*. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2012.

GANDARA, Gercinair Silvério. *Rios e cidades – olhares de história e meio ambiente*. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2010.

GANDARA, Gercinair Silvério e BRASIL, Vanessa Maria. *Cidades, rios e patrimônio: memórias e identidades beiradeiras*. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2010.

GANDARA, G. S. Paravaçu! Rio Grande dos Tapuias! Velho Monge... rio lendário. Disponível em: <[www.fchf.ufg.br/historia/ArtigoPARAVACURev-Edson-UFG.pdf](http://www.fchf.ufg.br/historia/ArtigoPARAVACURev-Edson-UFG.pdf)>. Acesso em: 21 fev. 2018.

GRATÃO, Lúcia Helena Batista. A Poética d' " O Rio" – Araguaia! De Cheias. e vazantes (à) luz da imaginação. 2003, 354f. Tese (doutorado em geografia) – Faculdade de Filosofia e Letras e Ciências humanas, Universidade de São Paulo, 2002.

GRATÃO, Lúcia Helena Batista. (À) Luz da imaginação! "O Rio" se revela na voz dos personagens do lugar - ARAGUAIA! In: Simpósio Nacional sobre Geografia, Percepção e Cognição do Meio Ambiente HOMENAGEANDO LÍVIA DE OLIVEIRA [Londrina 2005].

GORSKI, Maria Cecília Barbieri. *Rios e cidades: rupturas e reconciliação*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010.

HURGUES, J. Donald. II Workshop Internacional de História do Ambiente: desastres ambientais e sustentabilidade & Gisday, 2011, Florianópolis/Brasil.

JAPIASSU, Hilton. *Interdisciplinaridade e patologia do saber*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

KOZEL, Salete. Mapas mentais – uma forma de linguagem: Perspectivas metodológicas in: KOZEL S. et al (org): Da percepção e cognição à representação. São Paulo. Terceira Margem, 2007. p.114-138.

KOZEL, S.; SOUZA, L.F. Parintins, que espaço é esse? Representação espacial sob a ótica do morador e do visitante. In: KOZEL, S.; SILVA, J.C.; FILIZOLA, R.; FILHO, S.F.G. Expedições Amazônicas: Desvendando espaço e representações dos festejos em comunidades amazônicas. "A festa do boi-bumbá: um ato de fé". Curitiba: Sk, 2009.

LEONARDI, Victor. *Rio de histórias*. In: SÁ, Antonio Fernando de Araújo e BRASIL, Vanessa Maria. *Rio sem história? Leituras sobre o Rio São Francisco*. Aracajú: FAPese, 2005.

LESSA, G. No baixo São Francisco: a viagem do redescobrimto – do espaço ao lugar. 2007. 167 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2007.

LIMA, E. L., de. (2007). Do corpo ao espaço: contribuições da obra de Maurice Merleau-Ponty à análise geográfica. *Geographia*, 18, 65-84.

LIMA, Maria Madalena. *Crixás – nossa terra, nossa gente*. Goiânia: Scala Gráfica e Editora, 2015.

LIMA, ABM., org. Ensaios sobre fenomenologia: Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty [online]. Ilhéus, BA: Editus, 2014, 124 p. ISBN 978-85-7455-444-0. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>. Acesso: 01/11/2017.



LYNCH, Kevin. *A Imagem da Cidade*. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. Terceira Edição. Editora WMF Martins Fontes Ltda. São Paulo - SP, 1999.

MARTINS, Marcos Lobato. *História e Meio Ambiente*. São Paulo: Annablume; Fac. Pedro Leopoldo, 2007.

MELLO, T. de. *Amazonas, pátria da água*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987. 112 p.

MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo, Brasil: Martins Fontes. 1999.

NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. *Percepção e Representação Gráfica: A "Geograficidade" nos Mapas Mentais dos Comandantes no Amazonas*. Tese de doutorado. Departamento de Geografia da USP. São Paulo, 2001.

OLIVEIRA, Sebastiana Ester Dietz de. *Terra dos Kirirás e poemas mais...!* 2. ed. Goiânia: Arte e Laser Ltda., 2001.

OLIVEIRA, J. A. de. *Ciclos de águas e vidas: o caminho do rio nas vozes dos antigos vaporzeiros e remeiros do São Francisco*. 2009. 143 f. Dissertação. (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG, 2009.

PASSET, RA. *Co-gestão do desenvolvimento econômico e da biosfera*. Tradução de Ferreira, A.D. In: *Cadernos de desenvolvimento e Meio Ambiente*. IFPR, n.1, 1994.

POHL, Joahann Emanuel. *Viagem ao interior do Brasil*. São Paulo: Edusp, 1975.

REBOUÇAS, A. C. *Água doce no mundo e no Brasil*. In: REBOUÇAS, A. C.; BRAGA, B. E.; TUNDISI, J. G. (Orgs.). *Águas doces no Brasil: capital ecológico, uso e conservação*. 2. ed. São Paulo: Escrituras, 2002.

SANTAELLA, L. *O que é semiótica*. São Paulo: Brasiliense, 2007.

SOBREIRA, P. de A. *Danos ambientais provenientes das barragens de rejeitos situadas no estado de Goiás*. 2016. 145 f. Dissertação. (Mestrado em Ciências Ambientais) – Unievangélica – Centro Universitário de Anápolis, Anápolis, GO, 2016.

SOUZA NETO, M. F. de. *Três rios. Três regiões. Três poetas*. GEOUSP, São Paulo, n. 1, p. 57-64, 1997.

TUAN, Y. FU. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo, Brasil: Difel. 1983.

TUAN, Y. FU. *Topofilia: Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo/ Rio de Janeiro. Difel. 1980.

#### **SITES:**

[www.mpggo.mp.br/portalweb/hp/9/docs/rsuacp\\_04.pdf](http://www.mpggo.mp.br/portalweb/hp/9/docs/rsuacp_04.pdf)

DNPM. *Desempenho do Setor Mineral 2010: ano-base 2009*. Disponível em: [https://sistemas.dnpm.gov.br/publicacao/mostra\\_imagem.asp?IDBancoArquivoArquivo=4288](https://sistemas.dnpm.gov.br/publicacao/mostra_imagem.asp?IDBancoArquivoArquivo=4288) . Acesso em 08/02/2018.